

### Feijão

ABRIL DE 2018

#### 1. MERCADO NACIONAL

##### 1.1 FEIJÃO COMUM

Em abril, o mercado atacadista de São Paulo operou com baixo volume de entradas, e a pouca disponibilidade do produto extra contribuiu para uma valorização do grupo carioca em relação ao mês anterior. Esta elevação atingiu principalmente os lotes de mercadorias mais clara com cor nota 8,5 para cima, que continuam escassas. A boa demanda favoreceu o escoamento de boa parte das ofertas no disponível, e as sobras foram, quase que na totalidade, de mercadorias de baixa qualidade de grãos.

Apesar da preferência da demanda pelo produto extra ou similar, muitos compradores, sem alternativas devido à cotação elevada do produto em questão, acabaram optando por tipos inferiores, em vista das dificuldades encontradas no giro das mercadorias de maior valor.

A oferta segue formada basicamente de grão comercial, que se avoluma a cada dia, influenciando numa melhor formação dos preços. Nota-se muita dificuldade em vender os lotes mais escuros de produto com cor nota 7,5 para baixo, tendo em vista que são poucos os compradores interessados nesse tipo de mercadoria.

Cabe esclarecer, que o montante de sobras, ou seja, mercadorias que não são negociadas na zona cerealista de São Paulo, volta aos armazéns para ser colocado à venda no dia seguinte, encontrando, entretanto, sérios obstáculos para sua negociação, pois, a maioria tem deficiência de qualidade. Muitos comerciantes evitam esse tipo de mercadoria ao preço que vem sendo praticado, devido às dificuldades de repasse ao setor varejista, ficando no aguardo de um melhor momento.

Nas zonas de produção os preços também reagiram. A pouca disponibilidade de produto de boa qualidade após a colheita da primeira safra provocou aumento nas cotações. No Paraná os agricultores receberam, em média, R\$

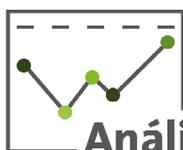
105,97 por saca, contra R\$ 102,41 em março.

Nota-se que o varejo é o principal elo da cadeia produtiva do feijão que tem dificultado uma maior comercialização, e nem mesmo a expressiva redução dos preços verificada nas gôndolas dos estabelecimentos comerciais, foi suficiente para alavancar as vendas. Diante deste fato, os empacotadores estão negociando de acordo com as suas necessidades de abastecimento, mesmo cientes de que os estoques ainda estão baixos, com o risco do produto ficar mais caro diante do quadro de oferta bastante ajustado.

No Sul do país, o clima frio e seco está permitindo o avanço da colheita que atinge cerca de 10% da área cultivada. As lavouras atravessam, em grande parte, as fases de floração e enchimento de grãos, períodos em que são mais exigentes em água. Assim, os próximos dias serão importantes para a definição do potencial produtivo das lavouras, pois há necessidade de boas precipitações num curto espaço de tempo. No Paraná, estima-se que cerca de 93% da 1ª safra, e 3% da 2ª safra foram comercializados pelos produtores.

A partir de meados de maio, a disponibilidade do produto deverá se manter firme, favorecida pelas ofertas oriundas da 2ª safra na Região Centro-Sul do país. Diante do aumento da oferta e do baixo consumo, não se vislumbra, em curto prazo, perspectiva de evolução dos preços, a não ser por uma frustração da safra. O aumento gradativo da mercadoria extra, dificultará ainda mais as negociações dos produtos mais escuros e pressionará para baixo os preços dos grãos nota 8,0 para baixo.

Os produtores irrigantes, que se preparam para o plantio da safra de inverno (3ª safra), acompanham atentamente o comportamento do mercado. Se prevalecer esta tendência, muitos poderão migrar para o plantio de outras culturas, o que poderá



## Análise MENSAL

### Feijão

ABRIL DE 2018

comprometer ainda mais o quadro de oferta.

#### 1.2 FEIJÃO PRETO

No mercado atacadista de São Paulo, a partir de meados de abril, os preços evoluíram. Tal comportamento foi ocasionado pela forte valorização do dólar frente ao real, tornando a mercadoria mais cara.

Nas redes de supermercados, as diversas promoções a preços realmente baixos não estão sendo suficientes para atrair os consumidores. Diante desta situação, muitos empacotadores estão com dificuldades em negociar sua mercadoria junto ao setor varejista, já que muitas vezes a oferta fica aquém de suas “pedidas” que, segundo eles, já estão no limite, inviabilizando, em muitos casos, a operação.

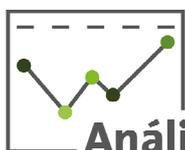
A 2ª safra está concluída, e a temporada dessa variedade se encerra nesse segundo plantio, cuja colheita gira em torno de 10% da área prevista. Doravante, o país passará a depender de importações, majoritariamente da Argentina, que encerrou o seu cultivo em março. Do volume a ser produzido naquele país, cerca de 70% da produção de feijão comum preto são destinados ao Brasil.

O Oitavo Levantamento para Acompanhamento da safra 2017/2018, divulgado no dia 10/05/18, pela Conab, registra, para a 2ª safra, queda de 11,5% na área a ser cultivada na Região Centro-Sul do País. A produção, por sua vez, até o momento, é a mesma registrada na safra anterior, ou seja, 179,9 mil toneladas.

QUADRO 1 – FEIJÃO 2ª SAFRA – COMPARATIVO DE ÁREA, PRODUTIVIDADE E PRODUÇÃO – SAFRAS 2016/17 E 2017/18

Região/UF	Área (em mil ha)			Produtividade (em kg/ha)			Produção (em mil t)		
	Safra 16/17 (a)	Safra 17/18 (b)	VAR % (b/a)	Safra 16/17 (c)	Safra 17/18 (d)	VAR % (d/c)	Safra 16/17 (e)	Safra 17/18 (f)	VAR % (e/f)
<b>Norte</b>	<b>55,9</b>	<b>49,6</b>	<b>(11,3)</b>	<b>1.171</b>	<b>978</b>	<b>(16,5)</b>	<b>65,4</b>	<b>48,6</b>	<b>(25,7)</b>
RO	19,3	14,4	(25,4)	971	851	(12,4)	18,7	12,3	(34,2)
TO	23,8	22,1	(7,1)	1.520	1.198	(21,2)	36,2	26,5	(26,8)
<b>Nordeste</b>	<b>669,0</b>	<b>818,8</b>	<b>22,4</b>	<b>307</b>	<b>370</b>	<b>20,4</b>	<b>205,6</b>	<b>303,2</b>	<b>47,5</b>
MA	51,4	52,9	2,9	699	684	(2,1)	35,9	36,2	0,8
CE	407,0	412,5	1,4	292	297	1,9	118,8	122,7	3,3
RN	35,8	45,3	26,5	347	341	(1,7)	12,4	15,4	24,2
PB	90,0	110,9	23,2	316	276	(12,7)	28,4	30,6	7,7
PE	78,5	131,8	67,9	83	293	252,9	6,5	38,6	493,8
<b>Centro-Oeste</b>	<b>276,6</b>	<b>319,0</b>	<b>15,3</b>	<b>1.264</b>	<b>1.244</b>	<b>(1,5)</b>	<b>349,6</b>	<b>396,9</b>	<b>13,5</b>
MT	230,7	255,9	10,9	1.172	1.157	(1,3)	270,3	296,0	9,5
MS	26,0	26,0	-	1.692	1.700	0,5	44,0	44,2	0,5
GO	19,0	36,0	89,5	1.750	1.524	(12,9)	33,3	54,9	64,9
<b>Sudeste</b>	<b>138,8</b>	<b>135,3</b>	<b>(2,5)</b>	<b>1.367</b>	<b>1.388</b>	<b>1,6</b>	<b>189,7</b>	<b>187,9</b>	<b>(0,9)</b>
MG	116,8	112,2	(3,9)	1.331	1.374	3,3	155,4	154,2	(0,8)
SP	14,7	14,0	(4,8)	1.815	1.800	(0,8)	26,7	25,2	(5,6)
<b>Sul</b>	<b>286,6</b>	<b>236,8</b>	<b>(17,4)</b>	<b>1.363</b>	<b>1.633</b>	<b>19,8</b>	<b>390,6</b>	<b>386,8</b>	<b>(1,0)</b>
PR	249,0	200,0	(19,7)	1.370	1.646	20,1	341,2	329,2	(3,5)
SC	18,3	17,5	(4,4)	1.417	1.524	7,6	25,9	26,7	3,1
RS	19,3	19,3	-	1.220	1.600	31,1	23,5	30,9	31,5
<b>Norte/Nordeste</b>	<b>724,9</b>	<b>868,4</b>	<b>19,8</b>	<b>374</b>	<b>405</b>	<b>8,3</b>	<b>271,0</b>	<b>351,8</b>	<b>29,8</b>
<b>Centro-Sul</b>	<b>702,0</b>	<b>691,1</b>	<b>(1,6)</b>	<b>1.325</b>	<b>1.406</b>	<b>6,1</b>	<b>929,9</b>	<b>971,6</b>	<b>4,5</b>
<b>Brasil</b>	<b>1.426,9</b>	<b>1.559,5</b>	<b>9,3</b>	<b>842</b>	<b>849</b>	<b>0,8</b>	<b>1.200,9</b>	<b>1.323,4</b>	<b>10,2</b>

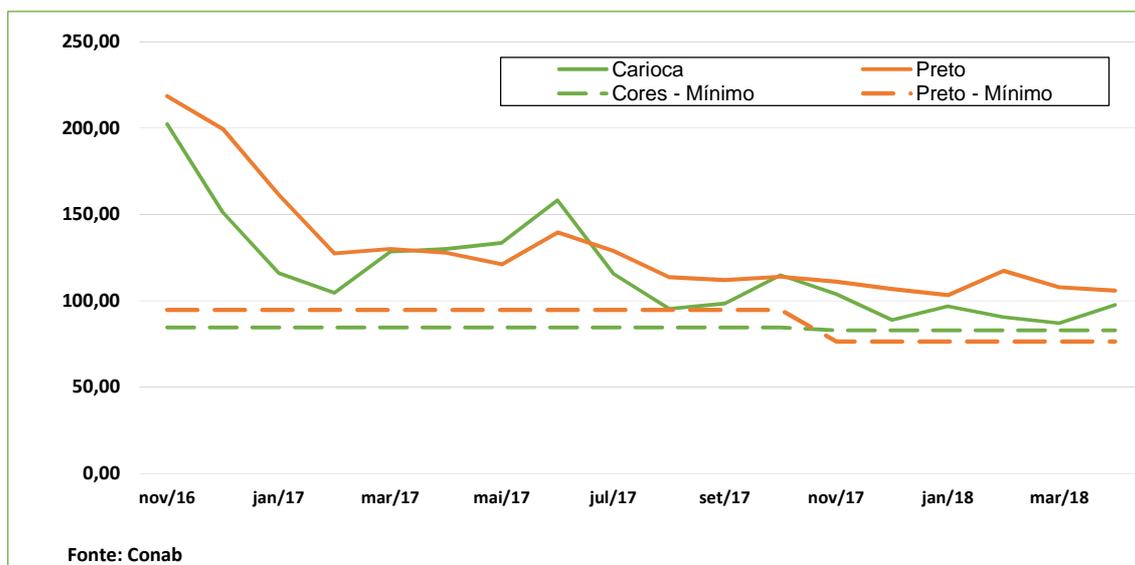
Fonte: Conab - Nota: Estimativa de abril/2018.



# Feijão

ABRIL DE 2018

GRÁFICO 1 – PREÇOS RECEBIDOS PELOS PRODUTORES NO PARANÁ – R\$/60 KG



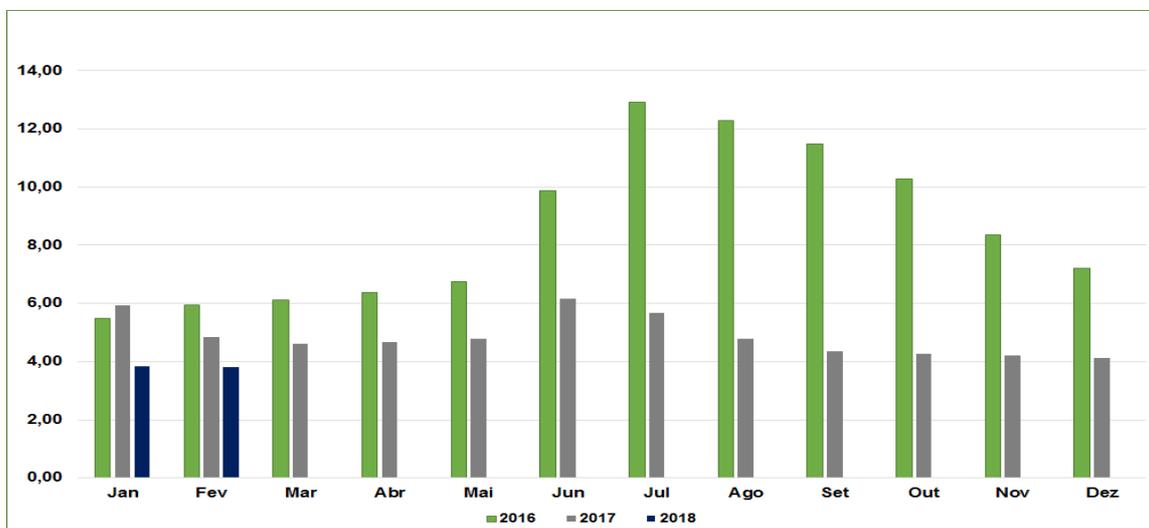
Fonte: Conab. Abril/18.

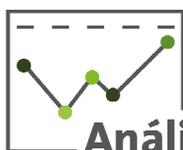
### 1.3 VAREJO

O varejo é o principal elo da cadeia produtiva que tem dificultado uma maior comercialização, e nem mesmo a expressiva redução dos preços verificada nas gôndolas dos estabelecimentos comerciais, foi suficiente para alavancar as vendas. Diante deste fato, os empacotadores estão negociando de acordo com as suas

necessidades de abastecimento, mesmo cientes de que os estoques ainda estão baixos, com o risco do produto ficar mais caro diante do quadro de oferta bastante ajustado.

GRÁFICO 2 – VAREJO – PREÇOS DO FEIJÃO CARIOCA EM SÃO PAULO – R\$/KG





## Análise MENSAL

### Feijão

ABRIL DE 2018

#### 1.4 SUPRIMENTO

O consumo nacional tem variado nos anos de 2010 a 2015, entre 3,3 e 3,6 milhões de toneladas, recuando para 2,8 milhões de toneladas em 2016, o menor registrado na história, em função do elevado aumento dos preços provocado pela retração da área plantada e principalmente pelas condições climáticas adversas. No trabalho em curso, optou-se por um consumo de 3,3 milhões de toneladas, ou seja, o mesmo registrado na temporada anterior.

Desta forma prevê-se o seguinte cenário: computando as três safras, a

estimativa da Conab chega em uma produção média de 3.4 milhões de toneladas, ou seja, o mesmo volume colhido na temporada 2016/2017.

Partindo-se do estoque inicial de 310,5 mil toneladas, o consumo de 3.3 milhões de toneladas, as importações em 120,0 mil toneladas e as exportações de 125,0 mil toneladas, resultará em um estoque de passagem da ordem de 403,7 mil toneladas, o que corresponde a 1 (um) mês e meio de consumo.

QUADRO 2 – SUPRIMENTO DE FEIJÃO - EM MIL TONELADAS

Safra	Estoque inicial	Produção	Importação	Suprimento	Consumo	Exportação	Estoque final
2009/10	317,7	3.322,5	181,2	3.821,4	3.450,0	4,5	366,9
2010/11	366,9	3.732,8	207,1	4.306,8	3.600,0	20,4	686,4
2011/12	686,4	2.918,4	312,3	3.917,1	3.500,0	43,3	373,8
2012/13	373,8	2.806,3	304,4	3.484,5	3.320,0	35,3	129,2
2013/14	129,2	3.453,7	135,9	3.718,8	3.350,0	65,0	303,8
2014/15	303,8	3.210,2	156,7	3.670,7	3.350,0	122,6	198,1
2015/16	198,1	2.512,9	325,0	3.036,0	2.800,0	50,0	186,0
2016/17(*)	186,0	3.399,5	150,0	3.735,5	3.300,0	125,0	310,5
2017/18(*)	310,5	3.398,2	120,0	3.828,7	3.300,0	125,0	403,7

Fonte: Conab/Secex

(\*) Dados estimados em abril de 2018

#### 1.5 RENTABILIDADE

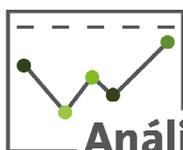
O mercado de feijão é dinâmico e por esse motivo apresenta uma expressiva oscilação de preços: ora positivas, ora negativas, atribuídas basicamente a fatores climáticos. Em algumas situações, como verificado no decorrer da primeira safra desta temporada 2017/2018, no Paraná, mesmo com uma produção menor e ainda agravada pelas precipitações pluviométricas em excesso, no mês de janeiro, em plena concentração da colheita, os preços não reagiram, muito pelo contrário, recuaram.

A falta de interesse de compras surpreendeu o mercado, e muitos produtores tiveram boa parte da sua produção frustrada e/ou comercializada a

preços abaixo dos custos de produção, em virtude da má qualidade do grão.

Nesta 2ª safra, em Ponta Grossa, maior produtor de feijão comum cores do estado do Paraná, o custo médio de produção estimado pela Conab em janeiro/18 é de R\$ 2.718,25 por hectare. Considerando uma produtividade média por hectare de 2.000 kg, comercializadas ao preço médio de abril, estimado em R\$ 105,59/saca, chega-se a uma receita bruta de R\$ 3.532,33. Assim, o agricultor terá em relação ao custo variável de produção uma rentabilidade positiva de R\$ 814,08 ou R\$ 24,42 por saca

Até o momento, levando-se em consideração o volume de produção



## Análise MENSAL

### Feijão

ABRIL DE 2018

estimado para as duas primeiras safras, era de se esperar um mercado firme com os preços se situando bem acima dos que vem sendo praticados. Para se ter uma ideia, no Paraná, em maio de 2017, com uma produção ligeiramente inferior a atual, os preços médios recebidos pelos produtores apresentaram o seguinte comportamento: Nas duas primeiras semanas - R\$ 129,00/60 kg e R\$ 137,00/60, respectivamente. A partir de meados do referido mês as cotações seguiram ainda mais elevadas, e em trajetória de alta, chegando a atingir a cifra de R\$ 274,00, no dia 23; recuando,

gradativamente, para R\$ 166,00, no último dia do mês.

Em junho, os preços ficaram ainda mais aquecidos, atingindo o ápice, ao produtor, no dia 07, cotado, em média, a R\$ 197,00/60 kg. Aos poucos os valores foram recuando, chegando no final do mês em R\$ 132,00/60kg. Esta temporada mostra um comportamento atípico, contrariando todos os fundamentos do mercado, onde o varejo é apontado como o principal responsável por tal situação.

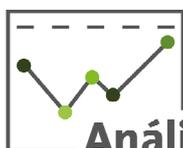
**QUADRO 7** – ANÁLISE DE RENTABILIDADE FEIJÃO 1ª SAFRA EM R\$/HÁ – PONTA GROSSA (PR) – BASEADO NO CUSTO DE PRODUÇÃO DE NOV/2018.

Preço (R\$/60kg)	105,97
Produtividade do pacote (kg/ha)	2.000
<b>Análise financeira</b>	
A - Receita bruta (I*II)	3.532,33
B – Despesas:	
B1 – Despesas de custeio (DC)	2.342,12
B2 – Custos variáveis (CV)	2.718,25
B3 – Custo operacional (CO)	3.068,31
a) – Margem bruta s/ DC (A - B1)	1190,21
b) – Margem bruta s/ CV (A - B2)	814,08
c) – Margem líquida s/ CO (A - B3)	464,02
<b>Indicadores</b>	
Receita sobre o Custeio (A / B1)	1,51
Receita sobre o Custo Variável (A / B2)	1,30
Receita sobre o Custo Operacional (A / B3)	1,15
Margem bruta (DC) / Receita (a / A)	33,69%
Margem bruta (CV) / Receita (b / A)	23,05%
Margem líquida (CO) / Receita (c / A)	13,14%

Fonte: Sistema de Custos da Conab/Siagro

#### 1.6 TENDÊNCIAS DO MERCADO BRASILEIRO

FATORES DE ALTA	FATORES DE BAIXA
Produção ajustada ao consumo.	Aumento da oferta da 2ª safra a partir do mês de maio.
Entrada de feijão claro no mercado com o início da colheita da 2ª safra.	Queda no consumo.
Clima frio e seco no Paraná.	
<b>Expectativa:</b> Preços com tendência de alta.	



## Análise MENSAL

### Feijão

ABRIL DE 2018

#### 2. DESTAQUE DO ANALISTA

O mercado segue alternando com boas e fracas vendas, e o foco nas compras é por mercadorias de boa qualidade, mas, por enquanto, a maior parte das ofertas é de produto com baixa qualidade de grãos. Este comportamento gera certa preocupação, pois a partir deste mês começa a aumentar a oferta de produto mais claro, com o avanço da colheita da 2ª safra, e apesar do volume de produção estar bastante ajustado ao consumo, o balizamento dos preços fica na dependência de como vai se comportar a demanda.